

## **Prefixos em Guajá – Marcas de pessoas e de adjacência**

*Marcos Fabricio Adorno de Assis (UnB)*

*Marina Magalhães (UnB)*

**Resumo:** Neste trabalho discutimos a função dos prefixos existentes na língua Guája e sua distribuição em verbos, nomes e posposições da língua. Para isso, esclarecemos a diferença entre as classes lexicais nomes e verbos e enfatizamos o paralelismo entre essas classes de acordo com a presença ou não de um marcador de pessoa referente a um argumento interno. Explicitamos, ainda, a estrutura morfossintática dos diferentes sintagmas e verificamos que, além das marcas de pessoas, expressas por meio de duas diferentes séries, há também as marcas de adjacência, associadas à série II de marcadores pessoais. Por fim analisamos os casos em que essa marca de adjacência ocorre, como é empregada e apresentamos uma hipótese para justificar a sua existência.

**Palavras-chave:** Guajá; Prefixos pessoais; Marca de adjacência.

### **Introdução**

“O Guája é uma língua de um grupo de indígenas brasileiros, falada por 420 indivíduos encontrados no noroeste do estado do Maranhão. Essa língua é parte do VIII subgrupo da família Tupí-Guaraní” (Magalhães & Mattos, 2014 *apud* Rodrigues, ).

Nesse artigo analisamos a estrutura morfossintática do Guája no que diz respeito à forma e à função dos prefixos que marcam pessoa e adjacência.

Para melhor entendermos o assunto, serão apresentadas as classes de palavras que recebem as marcas de pessoa e adjacência: verbos, nomes e posposições, relacionando-as às marcações prefixais que nelas ocorrem. Além da distinção entre as classes verbo e nome, também é necessário que seja compreendido o paralelismo entre as estruturas argumentais nominais, verbais e posposicionais.



Apesar da distinção entre as duas classes de palavras, adotaremos a noção de valência para tratar dos diferentes tipos de nomes e verbos, noção essa entendida como o número de argumentos de um núcleo lexical, para assim entendermos a utilização dos marcadores pessoais.

## Verbos

Os verbos do Guajá “podem ser classificados como divalentes ou monovalentes, de acordo com número de argumentos que admitem” (Magalhães & Mattos, 2014). Os divalentes são aqueles que admitem dois argumentos, um externo e um interno (ex. 5). Os monovalentes admitem apenas um argumento, um externo ou um interno (ex. 6).

- (5)    *awa wahy-a*                    *manakũ-a*             $\emptyset$ -*pyhy*  
Guajá mulher-N            cesto-N            3.I-pegar  
‘A mulher Guajá pegou o cesto’

- (6)    *jawar-a*                             $\emptyset$ -*kere*  
cachorro-N                    3.I-dormir  
‘o cachorro dormiu’

Existem duas séries de marcadores pessoais, que podem ocorrer no verbo. Os marcadores da série I integram um paradigma formado por prefixos pessoais que expressam o agente de predicados verbais divalentes e o argumento único de predicados verbais monovalentes eventivos. Já os marcadores da série II, formados por pronomes clíticos, relacionados ao núcleo do predicado por meio de um prefixo que marca a adjacência entre o núcleo e seu dependente, expressam o paciente de predicados verbais divalentes, o argumento único de predicados verbais monovalentes estativos, o possuidor de sintagmas nominais genitivos e o complemento de sintagmas posposicionais. Os marcadores são apresentados na tabela abaixo.

Série I		Série II	
a-	1SG	ha=	1SG
ari-	2SG	ni=	2SG
Ø- ~ o- ~u-	3	i- ~ h- ~ha-	3
xi-	1 PL. INCL.	ja=	1PL.INCL
ari-	1 PL. EXCL.	are=	1PL.EXCL
pi-	2PL	pĩ=	2PL

Quadro I: marcadores pessoais das séries I e II

No caso da série II, a marca de terceira pessoa, diferentemente das demais, em vez de ser um clítico, é um prefixo.

Se o núcleo for um verbo divalente, a marcação de pessoa dependerá de uma hierarquia referencial, já que o núcleo admitirá apenas a marcação de um dos argumentos. Essa hierarquia tem a seguinte ordem em termos de pessoa: 1 = 2 > 3. Isso quer dizer que nas orações em que aparecem dois argumentos, as primeiras e segundas pessoas são hierarquicamente superiores ao argumento de terceira pessoa, sendo elas as marcadas no verbo. Caso ambos sejam de terceira pessoa, a marcação no núcleo do predicado será sempre aquela que tiver papel semântico de “agente”, diferente das orações em que os dois argumentos são de 1ª e 2ª pessoa, sendo a marcação feita para expressar o argumento que exerce a função de “paciente”.

Os verbos monovalentes eventivos recebem a marca de pessoa por meio dos marcadores pessoais da série I (ex. 7), e os monovalentes estativos recebem a marcação de pessoa da série II (ex. 8) e (ex. 9) associados ao núcleo verbal por meio da marca de

adjacência (R), com exceção da marca de terceira pessoa, que neste caso é um prefixo como o (ex. 8).

(7) *a-wyhy*

1.I-correr

‘(eu) corri’

(8) *Majakatỹ-a*

*h-ahy*

N.PR.-N

3.II-estar.doente

‘Majakatỹa está doente’

(9) *ha=r-ahy*

*jaha*

1.I=R-estar.doente eu

‘eu estou doente’

Os verbos também podem ser subdivididos em relação à semântica, em verbos eventivos ou estativos.

Verbos eventivos são aqueles que expressam mudanças rápidas de estados, condição ou “locação espacial de alguma entidade codificada como nome ou marca de pessoa” (Magalhães & Mattos, 2014) e podem ser monovalentes (ex.10) ou divalentes (ex.11).

(10) *jawaruhu-a*  $\emptyset$ -*wyhy* *aha*

onça-N 3.I-correr CTF

‘a onça correu (se afastando)’

(11) *awa'yr-a* *tatu-a*  $\emptyset$ -*xa*

criança-N tatu-N 3.I-ver

‘a criança viu o tatu’

Todos os verbos divalentes estão incluídos nesta classe e expressam a categoria de pessoa por meio dos marcadores das séries I e II, de acordo com a hierarquia de pessoa acima descrita. No caso dos verbos monovalentes, a marca de pessoa é expressa exclusivamente por meio da série I.

Já os verbos estativos, (ex. 12) e (ex. 13), exprimem conceitos que envolvem propriedades físicas mais estáveis dos nomes, como tamanho, forma, cor, consistência, textura, peso, cheiro, sabor e estados temporários, são todos monovalentes e expressam a categoria de pessoa unicamente por meio das marcas da série II.

- (12) *i-mymyr-a*                      *i-kira*  
3-filho-N                              3.II-ser.gordo  
'o filho dela é gordo'
- (13) *Awa-wahy-a*                      *i-pa'ruhu*  
mulher-Guajá-N                      3.II-estar.grávida  
'a mulher Guajá está grávida'

Podemos constatar, por meio da divisão semântica entre as classes que “quando o argumento que desempenha a função de agente é marcado nos verbos divalentes, a pessoa é identificada pelos marcadores da série I. Quando o argumento que desempenha a função de paciente é marcado nos verbos transitivos, a pessoa é identificada pelos marcadores da série II” (Magalhães & Mattos, 2014).

A partir desses dados, constatamos que o Guajá apresenta uma cisão interna na classe dos verbos monovalentes (intransitivos), uma cisão eventiva-estativa marcada morfológicamente pelos marcadores pessoais: a série I expressa o argumento externo dos verbos monovalentes eventivos, mesma marca do argumento com papel semântico de “agente” dos verbos divalentes; enquanto a série II expressa o argumento interno dos verbos monovalentes estativos, mesma marca do argumento com papel semântico de “paciente” dos verbos divalentes. Esse fenômeno é chamado de cisão da intransitividade.

“A cisão da intransitividade ilustrada pelo Guajá se enquadra, obviamente, dentro de um fenômeno maior nas línguas do mundo que é o da intransitividade cindida, considerado por alguns como uma manifestação a ser encontrada em maior ou menor grau em todas as línguas.” (Magalhães & Mattos, 2014)

## **Nomes**

Na língua Guajá, os nomes admitem argumentos, assim como o verbo, e também podem ser subclassificados por meio da utilização da noção de valência de acordo com o número de argumentos admitidos: monovalente ou divalentes.

Os nomes monovalentes são os que quando em posição de predicado equativo/inclusivo apresentam apenas um argumento, externo (ex. 14).

- (14) *Wa'amaxĩ-a*            *Awa-te-a*  
N.PR.-N                Guajá-REAL-N  
'Wa'amaxĩ-a é Guajá de verdade'

No exemplo 14, o nome monovalente em posição de predicado *Awatea* 'Guajá de verdade' ocorre com seu único argumento, externo, *Wa'amaxĩ-a*.

Nomes divalentes são aqueles que, quando em posição de predicado equativo/inclusivo, expressam obrigatoriamente um argumento externo e outro interno (ex. 15). "Os nomes divalentes, mesmo quando não ocupam a posição de predicado, expressam obrigatoriamente seu argumento interno, que é assim denominado por ser interno ao sintagma nominal" (Magalhães & Mattos, 2014).

- (15) *Wa'amaxĩ-a*            *ha-miriko-a*  
N.PR.-N                3.II-esposa- N  
'Wa'amaxĩ-a é a esposa dele'

No exemplo 15, o nome divalente *-(i)mirikoa* 'esposa' requer um argumento externo *Wa'amaxĩ-a* e outro interno, que foi expresso no núcleo nominal por meio do prefixo de 3ª pessoa *ha-*.

### **Estrutura morfossintática dos sintagmas**

Acerca da estrutura dos sintagmas do Guajá, podemos estabelecer uma comparação entre as estruturas argumentais nominais e verbais (e posposicionais) explorando as suas semelhanças e diferenças.

A relação entre o núcleo de uma construção sintática e seu dependente é intermediada por um prefixo que é uma marca de adjacência (R), cuja função é marcar a

dependência sintática do pronome clítico (ou do nome) em relação ao núcleo de qualquer tipo de sintagma.

Nos sintagmas verbais (SVs), tal prefixo marca a dependência do argumento interno pronominal (mas não nominal) em relação ao verbo ativo (ex. 16) ou do argumento único (interno) pronominal (mas não nominal) em relação ao verbo estativo (ex. 17).

(16) *Akamatỹ-a*                      *[[ni]=r-ixa]*                      (SV com núcleo divalente ativo)  
 N.PR.-N                              2.II=R-ver  
 ‘Akamatỹ-a te viu’

(17) *[[ni]= n-atỹ]*    (SV com núcleo monovalente estativo)  
 2.II=R-ser.forte  
 ‘você é forte’

Quando o argumento interno é um sintagma nominal (SN), ele não se relaciona com o núcleo verbal por meio das marcas de adjacência (ex.18).

(18) *[Akamatỹ-a]*                      *<h-atỹ>*  
 N.PR.-N                              R-ser.forte  
 ‘Akamatỹ-a é forte’

Nos sintagmas posposicionais (SPs), os prefixos marcam a dependência do objeto da posposição, pronominal ou nominal, em relação à posposição, que é o núcleo do sintagma (ex. 19). E nos SNs marcam a dependência do argumento interno, pronominal ou nominal, em relação ao núcleo divalente (ex. 20).

(19)                      *[[ni] = r-ake]*    (Sintagma Posposicional)  
                             2.II = R-perto  
                             'perto de você'

(20)                      *[[ni] = r-u]-a*    (SN genitivo com núcleo divalente)  
                             2.II = R-pai-N

'o teu pai'

Observa-se que a relação entre o núcleo do sintagma e seu argumento interno ocorre de maneira diferenciada, quando comparamos a estrutura dos sintagmas nominal e posposicional à do sintagma verbal, dependendo também do número de argumentos que cada núcleo lexical requer.

O exemplo (21) apresenta a estrutura de um SN com núcleo lexical divalente e pode-se verificar que o argumento interno do SN está dentro do SN genitivo e é adjacente ao núcleo, portanto, marcado pela marca de adjacência. A mesma estrutura encontrada nos SPs. Já no exemplo (22), de um SV também com núcleo lexical divalente, o objeto do SV expresso por meio de um sintagma nominal, apesar de ocorrer imediatamente antes, não é adjacente ao núcleo. Prova disso é sua liberdade de posição em relação a este, isto é, o argumento que exerce o papel de objeto de um verbo divalente pode ocorrer em outras posições como SVO, por exemplo, (ex.23).

(21) *[[Xiparêxa 'a r- imiriko]-a o-ho*  
N.PR R-esposa-N 3.I-ir  
'a esposa de Xiparêxa' a foi embora'

(22) *[Pinawãxika]-  $\phi$  [i-mymyr]-a [ $\phi$ -xa]*  
N.PR-N 3.II-filho-N 3.I-ver  
'Pinawãxika viu o filho dela'

(23) *[inami' i]-a [u'u] [arapaha]-  $\phi$*   
cobra-N 3.I-comer veado-N  
'a cobra comeu veado'

Apesar dessas diferenças entre os diferentes tipos de sintagmas do Guajá, podemos verificar que temos a mesma marcação de pessoa para o genitivo, o objeto da posposição, o objeto pronominal do verbo divalente e o argumento único do verbo monovalente estativo: a série II, responsável por expressar o argumento interno desses sintagmas (com exceção do argumento interno nominal dos verbos).

É importante esclarecer que o argumento interno nominal do SV que figura como predicado finito independente, é um argumento de nível oracional, enquanto o argumento interno dos SNs e dos SPs, assim como o argumento interno pronominal dos SVs divalentes continuam sendo do nível do seu próprio sintagma.

O quadro abaixo resume o paralelismo entre os diferentes tipos de sintagmas e explicita a função sintática exercida pelos argumentos expressos por meio da marca da série I e da série II.

Categoria lexical do núcleo	Série I	Série II
Verbo	Argumento externo de verbos intransitivos	Argumento interno pronominal de verbos transitivos
	Argumento único de verbos intransitivos eventivos	Argumento único de verbos intransitivos estativos
Nome		Argumento interno dos nomes divalentes
Posposição		Argumento interno de posposições

#### Quadro II: funções argumentais exercidas pelos diferentes marcadores pessoais

Sendo assim, pode-se afirmar que os marcadores da série I são utilizados para se referir aos argumentos externos e os marcadores da série II para os argumentos internos. A série II de marcadores pessoais do Guajá refere-se à expressão da pessoa gramatical do argumento interno dos diferentes tipos de sintagmas, sejam eles verbais, nominais ou posposicionais, revelando que a marcação de pessoa na língua ocorre transcategorialmente.

#### **Marcadores pessoais**

A pessoa e o número do sujeito e do objeto são marcados no verbo por meio de prefixos pessoais ou por meio de marcas de adjacência (também amplamente conhecida

como prefixos relacionais). Vimos que existem duas séries de marcadores pessoais em relação ao verbo, a série I e a série II (cf. Quadro I).

A série I é caracterizada por prefixos verbais e constituída de marcadores que se referem aos argumentos externos e expressam o agente de predicados verbais divalentes.

‘eu’	a-
‘nós’ (excl.)	arV- ~ ari-
‘nós’ (incl.)	x- ~ xi-
‘você’	arV- ~ ari-
‘vocês’	pV- ~ pi-
‘ele(s)’	∅-

Quadro III: prefixos pessoais da série I

Já a série II é considerada uma marcação de pessoa transcategorial, estabelecendo um paralelo entre as estruturas verbais, nominais e posposicionais. É constituída de pronomes clíticos e referem-se ao argumento interno desses diferentes sintagmas, expressando o paciente de predicados verbais divalentes, o argumento único de predicados verbais monovalentes estativos, o possuidor dos sintagmas nominais genitivos e objeto dos sintagmas posposicionais.

‘eu’	ha=
‘nós’ (excl.)	are=
‘nós’ (incl.)	jani=
‘você’	ni=
‘vocês’	pĩ=
‘ele(s)’	i-

Quadro IV: pronomes clíticos da série II

### Marcas de adjacência

Acompanhando os pronomes clíticos da série II, prefixada no núcleo do sintagma, encontra-se também a marca de adjacência (R), mais amplamente conhecida como prefixo relacional (Rodrigues, 1990) que, como o próprio nome diz, marca a relação de adjacência entre o núcleo de uma construção sintática e seu dependente.

Rodrigues (1996) descreve a função destes prefixos como a marcação da contiguidade ou não-contiguidade estrutural (i.e., adjacência dentro de um mesmo sintagma vs. não-adjacência ou separação em sintagmas diferentes) entre um determinante e o termo por ele determinado (ou melhor, entre um núcleo e seu dependente), acrescentando: “o determinante de um nome é o seu possuidor, o de um verbo intransitivo é o seu sujeito, o de um verbo transitivo é o seu objeto e o de uma posposição é o objeto desta”.

Cabral (2001) sumariza a função dos prefixos relacionais como sendo: “1. marcar a contiguidade sintática de um determinante com o termo por ele determinado; 2. marcar as relações de dependência que unem sujeito/verbo intransitivo, objeto/verbo transitivo, objeto/posposição e genitivo/nome.”.

Magalhães (2007) descreve a existência de três prefixos relacionais no Guajá (R1, R2 e R4), sendo que os três prefixos recebem alomorfes cuja distribuição é feita de acordo com as classes dos temas. Os temas da classe I são iniciados por consoantes e alguns por vogais e os temas da classe II são subdivididos em quatro subclasses, todas iniciadas por vogais.

Classes e subclasses de temas	R1	R2	R4
Ia	∅-	i- ~ V-	i-
Ib	∅-	∅-	∅-
IIa	r- ~ n-	h- ~ ha-	h- ~ ha-
IIb	r- ~ n-	h- ~ ha-	t-
IIc	r- ~ n-	h-	V > ∅-
IId	r- ~ n-	t-	t-

Quadro V: os prefixos relacionais do Guajá

Magalhães (2007) descreve função dos prefixos, à época denominados por ela também de “relacionais” da seguinte maneira: os elementos que se encontram dentro de um mesmo sintagma serão marcados pelo prefixo de contiguidade (R1) em seu núcleo.

Os núcleos que estiverem fora dos sintagmas ou em sintagmas distintos de seu dependente receberão o prefixo que marca a não-contiguidade (R2).

O prefixo relacional (R4) indica que o nome em que está afixado se refere a um ser humano indefinido, genérico, não expresso sintaticamente. E são exclusivos dos nomes, nunca acontecendo com verbos.

O alomorfe *n-* do prefixo R1, da marca de adjacência ocorre em ambiente nasal – (a) após os marcadores da Série II *ni=* ‘você’ e *pĩ=* ‘vocês’, (b) após palavras terminadas em vogais nasais e (c) diante de tema contendo fonema nasal – e o alomorfe *r-* em ambiente oral.

O prefixo R2, na classe II, tem o alomorfe *ha-* em temas iniciados por *i* ou *y* e o alomorfe *h-* nos outros temas.

No entanto, em reanálises mais recentes, Magalhães constata que quando o complemento de um nome divalente ou de uma posposição é um sintagma nominal ou um clítico da série II, ou quando o complemento de um verbo divalente ou de um verbo estativo é um clítico da série II, ele é precedido pelo que a autora agora denomina de “marca de adjacência”. Caso contrário, ele é introduzido pelo prefixo {*i-*} de terceira pessoa da Série II (não mais o classificando como “relacional de não contiguidade”)

Da mesma maneira, os nomes divalentes e seu complemento adnominal (argumento interno) formam uma construção genitiva intermediada pela marca de adjacência (prefixada ao núcleo), na qual o nome divalente é o núcleo do sintagma e o argumento interno, o seu modificador. E em algumas subclasses de temas nominais divalentes, quando o seu argumento interno obrigatório é uma entidade humana não-referencial, para expressar o possuidor humano-genérico, há um prefixo específico {*t-*} (ex.: *t-ipa* ‘casa de alguém’), anteriormente denominado de “relacional R4”.

Em comunicação pessoal à Magalhães, surgiu uma hipótese interessante sugerida por Francesc Queixalòs (CELIA/Sedyl) sobre a marca de adjacência.

Queixalòs propõe que a motivação original desses morfemas era a de marcar caso referente à função de argumento interno. Eles seriam originalmente sufixos associados ao argumento interno que passaram a prefixos do núcleo do sintagma, atraídos pelo núcleo, e um processo histórico que merece ser investigado provavelmente levou esse morfema a perder tal motivação e tornar-se o que é hoje: simples marcas de adjacência “um rastro um fóssil que, não por ser unicamente constituído de substância fônica, deixa de precisar de explicação”.

Essa hipótese de Queixalòs, que se trata da atração de elementos do dependente para o núcleo, é observada em várias línguas, por exemplo, no português do Brasil.

Ex. Os olhos > O zolho.

## **Conclusão**

Podemos concluir, após detalhar as classes lexicais e traçar um paralelo entre os diferentes sintagmas presentes no Guajá, relacionando-os com as marcas de pessoas da língua, que: i) quando o argumento do verbo desempenha a função de agente, a pessoa é identificada pelos marcadores da série I, ii) quando o argumento do verbo desempenha a função de paciente, a pessoa desse argumento é marcada nos verbos transitivos, por meio dos marcadores da série II, iii) o Guajá é uma língua que apresenta a cisão de intransitividade, iv) os marcadores pessoais da série I são prefixos exclusivamente verbais e expressam argumento externo dos SVs, v) os marcadores da série II são transcategoriais e expressam argumento interno dos diferentes tipo de sintagmas, vi) a marca de adjacência ocorre relacionada à série II de marcadores pessoais exceto na 3ª pessoa, vii) a marca de adjacência existe sincronicamente para estabelecer a relação de adjacência entre o núcleo de uma construção sintática e seu dependente, mas diacronicamente pode ter funcionado como um sufixo que marcava caso argumento interno, viii) a marca de 3ª pessoa da série II no Guajá é prefixal, diferente das demais.

## **Referências:**

MAGALHÃES, Marina M. S.; RODRIGUES DE MATTOS, Ana C. *Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá*. Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária, p. 251-284, UnB, 2014.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva. *Sobre a Morfologia e a Sintaxe da Língua Guajá*. Brasília: Tese de Doutorado, UnB, 2007.

CABRAL, A. S. A. C. Prefixos relacionais na família Tupí-Guaraní. In: SOARES, M. E. (Org.). Boletim da ABRALIN, Fortaleza, v. 25, p. 213-262, 2001.

RODRIGUES, A. D. (1990). Comments on Greenberg's Language in the *Americas from a South American Angle*. Manuscrito. Universidade de Brasília

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Argumento e predicado em Tupinambá*. Boletim da ABRALIN n. 19, p. 57-66, 1996.